



SEXUALIDADE E PODER EM PLUTARCO: O EXEMPLO DE CLEÓPATRA

Maria Aparecida de Oliveira Silva¹
Gregory da Silva Balthazar²

Cleópatra desempenhou um importante papel na história do Mundo Antigo. Ao tornar-se rainha, aos dezoito anos, idealizou reconstruir o Império de sua casa dinástica por meio de uma política de valorização do Egito. Para realizar tais aspirações, além de suas habilidades na política interna egípcia, utilizou-se de seus relacionamentos com os generais Júlio César e Marco Antônio, a fim de garantir o apoio da maior potência da época – Roma. Assim sendo, sua participação nas guerras civis latinas é um dos fatores que marcam a derrocata da República e o início do Império romano, o que a tornou uma das poucas mulheres que exerceram o poder nos eventos políticos de sua época.

Os escritos de Plutarco, a saber, as biografias de Júlio César e Marco Antônio, representam o olhar de seu tempo sobre a vida da rainha egípcia. Neste texto, tendo Cleópatra como estudo de caso, procura-se estabelecer a visão plutarquiana acerca dos sujeitos femininos que desempenharam papéis de destaque na política do Mundo Antigo.

Como grego, Plutarco viveu em um mundo dominado por Roma, com uma política de construção identitária multiétnica e multicultural, com a absorção de parte da cultura grega pela romana. Ao tentarem aprender a *ser grego*, os romanos iniciaram um processo de sobreposição da cultura grega frente à cultura romana.³ Esse processo levou a uma dominação, por parte dos romanos, sobre um grupo de intelectuais gregos da época imperial. No entanto, como propõe Maria Aparecida de Oliveira Silva, Plutarco se diferencia desse grupo, pois:

não compôs sua obra para exaltar ou glorificar o Império romano ou ainda sua cultura. O objetivo principal de Plutarco está em construir uma identidade grega no Império, pautada na história de seu povo e em sua tradição cultural, como testemunho da importância dos gregos no Império e como demonstração da singularidade e da utilidade de sua cultura para o fortalecimento cultural e político do Império.⁴

¹ Pós-doutoranda em Estudos Literários – FCL-ar. Bolsista da FAPESP.

² Bolsista PIBIC/CNPq e pesquisador adjunto da **Comissão de Estudos e Jornadas de História Antiga (CEJHA)** e do Grupo de Pesquisa **Africanidades, Ideologias e Cotidiano (AIC)** da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sob orientação da Profa. Dra. Margaret Marchiori Bakos. gsbalthazar@gmail.com

³ Ver mais em: GUARINELLO, Noberto Luiz. Império e Identidade Grega. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu & SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Política e Indenidades no Mundo Antigo*. São Paulo: Fapesp/Annablume, 2009. pp. 147-162.

⁴ SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Plutarco e Roma: O Mundo Grego no Império*. São Paulo: FFLCH/USP, 2007, (Tese de Doutorado), p. 207.



Assim, Plutarco, ao objetivar construir uma identidade grega no Império, baseado na história e tradição cultural de seu povo, acabou evidenciando as contribuições dos gregos para a formação identitária de Roma. Portanto, o discurso plutarquiano está embebido de uma moral, acerca dos sujeitos femininos, definida muito antes de sua época. Logo, para entender o pensamento plutarquiano no tocante à política da rainha Cleópatra, faz-se necessário compreender a maneira de como os escritos anteriores aos de Plutarco definiram os modelos de feminilidade para as mulheres gregas.

Modelos de Feminilidade na Atenas Clássica

A historiografia sobre a *pólis* ateniense é uma categoria de fonte que se constituiu como um lugar de homens, uma vez que os atenienses, e posteriormente Plutarco, tinham o hábito de evitar escrever o nome de mulheres respeitáveis⁵, tonrando-as, assim, um mero susurro. Tradicionalmente, o ideal feminino do período clássico “é [o da] esposa submissa, que leva uma vida tranquila e digna, totalmente dedicada ao seu marido, sem ruídos e sem luxo”.⁶

Porém, subjacente a esse padrão de boa mulher - aquela do silêncio, do recato, da clausura doméstica - se constitui a relação do feminino com a cidade e o poder político. Portanto, para Marta Mega de Andrade, esse processo é:

(...) uma das questões colocadas pelo transparecer da multiplicidade. É talvez a questão mais próxima ainda da dinâmica da cidadania democrática: a cidade exclui do poder a mulher, mas integra o feminino, submetido, pela via do casamento legítimo, e da religião. Para formular a questão de forma radical, ou seja, em termos de *cidadania feminina*, é preciso ressaltar que a mulher, a esposa que participa das Tesmofórias, por exemplo, tem o caráter irredutível de um ardil dos deuses. Ela descende não da terra sobre qual a *pólis* se inscreve, mas de Pandora, feminino universal, raça das mulheres.⁷

Nesse sentido, a historiadora abre espaço para pensar que as *respeitáveis mulheres gregas* utilizavam táticas com o intuito de diluir as margens deste modelo e, com isso, subvertiam a dominação masculina, alcançando dessa forma certa autonomia. Escritos, como os de Platão e Xenofonte, trazem a visão da importância da participação feminina no funcionamento da *pólis*, pois o século IV a.C. representou uma fase de transição entre a prosperidade do século V e a decadência do sistema políade no terceiro século antes de Cristo.⁸

⁵ BREMMER, Jan. Plutarch and the Naming of Greek Women. *AJPh*, 1202, 4, 1981, pp. 425-426.

⁶ BLOMQUIST, Karin. From Olympias to Aretaphila: Women in Politics in Plutarch. In: MOSSMAN, Judith (Org). *Plutarch and his Intellectual World*. London: Duckworth, 1997, p. 74.

⁷ ANDRADE, Marta Mega de. A “*Cidade das Mulheres*”: Cidadania e Alteridade Feminina na Atenas Clássica. Rio de Janeiro: Lhia, 2001, p. 35.

⁸ Sobre o declínio do sistema da *pólis*, vida: POMEROY, Sarah. *Ancient Greece*. New York: Oxford University Press, 1999, pp. 300-370.



Note-se que a cidade-estado grega do século IV sofre com a oligantropia, a perda constante de seus cidadãos nas guerras. Os resultados aparecem nas dificuldades políticas tanto internas quanto externas, agravadas pela falta de dinheiro.⁹ Platão demonstra-se preocupado com a escassez de cidadãos, a solução encontrada pelo filósofo foi elaborar um sistema político em que homens e mulheres partilhavam o dever de zelar pelo funcionamento da cidade-estado. No pensamento platônico, a mulher grega deveria ser educada nas mesmas condições que o homem,¹⁰ para “terem em comum as habitações e as refeições, sem que tenham qualquer propriedade privada, estarão juntos, e, ficando misturados, quer nos ginásios, quer no resto da sua educação, creio que por uma necessidade natural serão compelidos a unirem-se entre si”.¹¹ As palavras do filósofo demonstram a separação social dos espaços dedicados ao homem e à mulher.

Acrescenta Platão: “é preciso que os homens superiores se encontrem com as mulheres superiores o maior número de vezes possível, e inversamente, os inferiores com as inferiores, e que se crie a descendência daqueles, e a destes não”.¹² Platão pretende a formação de uma elite governante, gerada a partir de famílias especiais que respondam pela produção de governantes. A escolha dos melhores respeita a capacidade de aprendizado dos iniciados na filosofia, revelando a noção de saber acumulado, assim, para os gregos antigos, a formação de um indivíduo dependia da educação recebida pelos membros de sua família.

O padrão definido como ideal para o comportamento feminino – o do modelo *mélissa*, sendo submissa, silenciosa e passiva; atributos contrários ao comportamento do masculino definido como dominante, ativo, agressivo e agente da decisão – é reencontrado no trabalho xenofontiano. Nesse sentido, as atividades realizadas por homens e mulheres, na sociedade ateniense, estavam relegadas à bipolaridade espacial: homem/público e mulher/privado. Neyde Thelml permite observar a construção e a concepção dos espaços público e privado entre os gregos, significando “(...) no primeiro caso, um lugar comum a todos, que não deveria ser privilégio de ninguém e onde a participação ativa dos cidadãos era recomendada ideologicamente por lei e, no último caso, um espaço privado que não tinha de ser partilhado por ninguém mais, além dos membros da família ou dos grupos formados por laços de amizade”.¹³

⁹ Platão, *República*, 458e.

¹⁰ Idem, 452a.

¹¹ Idem, 458c.

¹² Idem, 459d.

¹³ THELM, Neyde. *O Público e o Privado na Grécia do VIII ao IV Século a.C.: Modelo Ateniense*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998, p. 22.



Nesse ensejo, as esposas, das classes abastadas, estavam relegadas ao interior do *oïkos* realizando tarefas próprias a sua condição de mulher. A obra xenofontiana é marcada por diversos diálogos surgidos em diferentes encontros entre Isicômaco e Sócrates; Isicômaco e sua esposa; e Sócrates e Critóbulo. Estes trazem em suas falas a definição: de economia, a formação da esposa, o comando dos serviçais e a gestão do lar, a formação e atribuições do homem de bem, as técnicas agrícolas, e a arte de comandar. O homem para Xenofonte:

(...) comanda, porque mostra-se na prática da agricultura, porque toma seu lugar na guerra, é justo no mando dos servidores, bem como na apresentação de queixas e testemunhos perante estrategos e juizes; porque, enfim, acresce sua casa com a finalidade de cumprir as designações cívicas: liturgias, coregias, festas, e mesmo distribuição de préstimo aos bons amigos.¹⁴

O cidadão econômico, deste modo, tem um caráter virtuoso, ele constrói um nome, riquezas e preza sua casa. O cidadão ideal é o homem bom, aquele que sabe a arte de bem usar/arte de comandar, ao contrário do impotente, que se mostra incapaz de governar a si mesmo. Ao honrável cidadão, cabe a escolha da noiva, esta deveria ser “menor de quinze anos, mantida à parte dos debates e do falatório, que nada diz e nada sabe, além das tarefas que, no interior de seu refúgio doméstico, aprendeu: a fiação, a tecelagem, e a distribuição desses trabalhos entre as servidoras”.¹⁵ Ao marido cabia ensinar tudo à esposa, menos a arte de tecer, função unicamente feminina.

Dessa forma, o cidadão ateniense reservava especial atenção à atuação de sua esposa no espaço privado, pois o êxito do *oïkos* dependia também da atuação feminina, já que “(...) a *phýsis* de nenhum dos dois é perfeita em todos os pontos, sendo assim um é necessário ao outro e tanto mais útil é a sua união quanto é certo que o que falta a um o outro pode supri-lo”.¹⁶

Em Xenofonte, a mulher aparece como rainha-abelha virtuosa graças ao ensino do marido, ela é capaz, no seu espaço de atuação, de se tornar a co-gestora. Assim, a mulher conquistava o seu lugar social: primeiro como esposa do cidadão, e em seguida como mãe, ao gerar filhos legítimos para a comunidade cívica em que vivia. Logo, a instituição do matrimônio, nas palavras de Judith Butler, é o meio pelo qual:

Os membros do clã, invariavelmente masculino, evocam a prerrogativa da identidade por via do casamento, um ato repetitivo de diferenciação simbólica. A exogamia distingue e vincula patronimicamente tipos específicos de homens. A patrilinearidade é garantida pela expulsão ritualística das mulheres e, reciprocamente, pela importação ritualística de mulheres. Como esposas, as mulheres não só asseguram a reprodução do nome (objetivo funcional), mas viabilizam o intercuro simbólico entre clãs de homens. (...) No matrimônio, a mulher não se qualifica como uma identidade, mas somente como um termo relacional que distingue e vincula os vários clãs a uma identidade patrilinear comum mas internamente diferenciada.¹⁷

¹⁴ ANDRADE. Op. Cit., 2001, p. 148.

¹⁵ Idem, p. 150.

¹⁶ XENOFONTE. *Oikonomikós*. VII, 28.

¹⁷ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 69.



Dessa maneira, é possível pensar que para além do interior do *oïkos*, a presença feminina no seu exterior fazia parte também do gerenciamento. Sendo possível a ela, aproveitando a ausência do esposo ou até mesmo no período de colheitas abundantes, não só gerenciar, mas executar as tarefas junto de suas escravas e até de outras esposas bem-nascidas. Conclui-se que a mulher ateniense, tendo em vista que a harmonia social da *pólis* depende do sucesso do *oïkos*, de certa forma transgrediu o modelo esperado para as mulheres. Entende-se, com isso, que algumas mulheres entendiam seu papel nas relações entre os sexos; desse modo, não almejando o poder para si. Mantendo-se na esfera privada conseguiram, por meio de estratégias, usufruir legitimamente da esfera pública.

Plutarco e a Política de Sedução de Cleópatra

O período ptolomaico pode ser claramente delimitado pela morte de duas figuras exponenciais em sua história: a de Alexandre o Grande, em 323 a.C., e a da rainha Cleópatra VII, em 30 a.C.. As rainhas deste período desempenharam os mesmos papéis dos reis, tendo inclusive vivido “uma igualdade de status com os homens aos olhos de seus súditos, eliminando por um breve período a hierarquia de gênero na antiguidade clássica”.¹⁸ Esta eminente posição das mulheres da Casa Real dos Ptolomeu está relacionada ao hibridismo cultural das visões de feminilidade da antiga Macedônia e do antigo Egito.

Nessa perspectiva, entende-se que a mulher, no pensamento plutarquiano, “deveria ser inativa e subordinada em todos os momentos, e todos os seres femininos (mortais ou divinas) são inferiores a todos os seres masculinos”.¹⁹ Em discordando por completo que a mulher, ou que mesmo uma deusa poderia ser superior a um homem, como Plutarco retratou a política da última rainha ptolomaica, que, como suas antecessoras, subverteu explicitamente a moral sexual da época clássica?

A rainha aparece pela primeira vez, no relato plutarquiano, no momento em que o biógrafo narra à guerra sucessória que a última travou contra seu irmão-marido Ptolomeu XIII: “Quanto à guerra do Egito, alguns sustentam que ela não era necessária e que esta empresa inglória e perigosa foi influenciada por seu amor [refere-se aqui a César] por Cleópatra”.²⁰ Assim definido, é possível observar o tom com que Plutarco vai retratar, ao longo de sua obra, a última soberana livre do

¹⁸ POMEROY, Sarah. *Women in Hellenistic Egypt: From Alexander to Cleopatra*. Detroit: Wayne State University Press, 1990, p. xix.

¹⁹ BLOMQUIST, Op. Cit., 1997, p. 75.

²⁰ Plutarco, *Vida de César*, XLLVIII.



Egito, ou seja, o poder sexual e afetivo exercido sobre César, e posteriormente sobre Marco Antônio, na visão plutarquiana, atua como a grande arma política de Cleópatra.

Essa questão pode ser evidenciada no emblemático episódio em que a rainha, com apenas dezoito anos - exilada de seu palácio pelas intrigas de seu irmão-marido - resolve persuadir César a restaurar o seu trono, episódio assim relatado por Plutarco:

Cleópatra, levando consigo apenas um amigo, Apolodoro de Sicília, subiu numa pequena barca e chegou ao palácio quando a noite caía. Como não havia outra maneira de se esconder, ela entrou em um saco que servia para enrolar colchões e deitou-se ao comprido; Apolodoro fechou o saco com uma tira, cruzou a porta e levou-a até César.²¹

Este fato conquistou um lugar privilegiado no imaginário coletivo por seu teor romântico, de cunho belo e harmonioso. Contudo, essa cena é o que, para Plutarco, faz surgir o desejo do general pela rainha, pois para este autor “(...) César foi conquistado por este primeiro estratagem de Cleópatra, admirando sua coragem”.²² Assim, “seduzido [pela] presença e [pelo] charme” da monarca egípcia, o general assegurou o trono da rainha frente às reivindicações de seu irmão-marido. O desfecho dessa disputa deu-se na famosa Guerra de Alexandria, quando ocorreu o incêndio da biblioteca da mesma cidade, e a morte do rei egípcio Ptolomeu XIII, “então, [César] deixando Cleópatra reinando no Egito (e pouco depois ela teve um filho seu que os alexandrinos chamaram de Cesarion), ele partiu para Síria”.²³

Entretanto, o relacionamento que se demonstrou desastroso foi o de Cleópatra e Marco Antônio, pois este, diferentemente de César, deixou-se dominar por uma mulher. A partir do pensamento apresentado Lourdes Feitosa e Glaydson da Silva de que:

Para os romanos a virilidade não era apenas um acontecimento sexual: era uma virtude política. Criando na mais tenra idade na ótica da conquista, alcança a idade adulta na qual os cidadãos romanos devem dominar o mundo. Como se surpreender, assim sendo as coisas, de terem conservado seu direito de impor a própria vontade a todos, também no campo sexual? Em relação a isso, a regra era “não se deixar submeter”. A sua virilidade, como é justamente dito, em uma “virilidade do estupro”.²⁴

Assim definido, é imperioso entender que, em uma sociedade onde a posição sexual determinava as posições de gênero, Antônio acabou perdendo sua virilidade, pois esta, no pensamento plutarquiano, foi exercida por Cleópatra. Ao se estudar a biografia de Antônio com mais acuidade, é visível que na realidade “(...) Cleópatra estava em dívida com Fúlvia [primeira

²¹ Plutarco, *Vida de César*, XLIX.

²² Plutarco, *Vida de César*, XLIX.

²³ Plutarco, *Vida de César*, XLIX.

²⁴ FEITOSA, Lourdes M. G. C. & SILVA, Glaydson J. O Mundo Antigo sob Lentes Contemporâneas. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu & SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs.). *Política e Identidades no Mundo Antigo*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009, p. 217-218.



esposa de Antônio] por tê-lo ensinado a obedecer às mulheres, pois ela entregava-o bem instruído e acostumado a fazer o que suas mulheres mandam”.²⁵

O general Marco Antônio, após ter assumido a parte oriental do Império, estabeleceu alianças com os reis locais, com o objetivo de obter apoios para sua campanha na Pártia, mas a adesão do Egito, dentre todos os países do Oriente, era de vital importância para tal empreendimento. Antônio, para ter certeza que teria dinheiro e armamentos para sua campanha: (...) enviou a Cleópatra [um mensageiro], ordenando a esta que o encontrasse na Cilícia, para responder às acusações que se faziam contra ela de levantar e fornecer dinheiro a Cássio para a guerra”.²⁶

Plutarco relata que, para marcar o encontro, foi enviado a Cleópatra o romano Délio. Este, já na presença da rainha, observou-a atentamente e considerando sua grande graça e a força atraente de sua linguagem, deduziu que Antônio jamais faria mal a tal mulher. Délio, com extrema deferência e com as melhores vestes e séquito que lhe fosse disponível, arguiu que, caso ela aceitasse o convite, sendo Antônio o mais humano dos homens, nenhum mal seria feito a ela. O pensamento plutarquiano vai além, afirma que Cleópatra:

Acreditando no que Délio lhe dizia e conjecturando pelo prestígio e pelo fácil acesso que gozou perante Júlio César (...) sentiu-se esperançosa, de que mais facilmente poderia conquistar Antônio, pois aqueles a haviam conhecido quando era ainda menina e não sabia o que era o mundo, mas agora ela ia ter com Antônio numa idade em que as mulheres estão no auge da beleza e no vigor de seu entendimento.²⁷

O interesse pessoal parece ter sido o principal motivo desse encontro, já que Antônio queria o apoio e dinheiro do Egito e Cleópatra esperava uma barganha que estenderia as fronteiras de seu reino. O único traço dessa negociação é a biografia plutarquiana, que é marcada pelo luxo e pela luxúria do encontro entre o deus Dionísio (Antônio) e a deusa Afrodite (Cleópatra):

(...) apresentou-se navegando pelo rio Cidno em um barco, cuja popa era de ouro, as velas de púrpura, os remos de prata, sendo manejados ao som e à cadência de uma música de flautas, de oboés, de cítaras e violas e outros instrumentos que se tocavam com arte e maestria dentro dele. Ela, porém, estava deitada, sob uma tenda de tecido de ouro, adornada como se costuma representar Vênus, enquanto meninos trajados como pinturas de Eros, com leques nas mãos que eles agitavam lentamente. Suas damas e companheiras, do mesmo modo, as mais belas, estavam vestidas como Nereidas e Graças, umas apoiadas no leme, outras nas cordas e cabos da barca, da qual emanavam suaves e inebriantes ondas de perfume (...).²⁸

Pode-se depreender que, no entender de Plutarco, a sedução intrínseca à imagem de Afrodite foi o grande triunfo político de Cleópatra. Antônio foi dominado por esta arte da rainha egípcia, pois a rainha distribuía seus encantos, “(...) não nas quatro formas que Platão diz, mas de muitas outras maneiras, pois, quer por divertimento quer em assunto de relevo, ela achava sempre alguma

²⁵ Plutarco, *Vida de Antônio*, X.

²⁶ Plutarco, *Vida de Antônio*, XXV.

²⁷ Plutarco, *Vida de Antônio*, XXV.

²⁸ Plutarco, *Vida de Antônio*, XXVI.



nova modalidade de prazer, sob a qual conservava Antônio em seu poder e o dominava (...).²⁹ Assim, a Cleópatra descrita por Plutarco toma a forma de uma mulher promiscua e sem sentimentos, que usou de seu corpo para subjugar dois grandes líderes políticos de seu tempo.

Apesar desses fatos, o pensamento plutarquiano carrega em seu relato a ambiguidade de suas fontes. O biógrafo utilizou-se de inúmeros depoimentos de partidários de Otávio, mas também utilizou o relato de alguns adeptos de Cleópatra, como o de seu médico, que era “(...) chamado Olímpio, ao qual ela contou toda a verdade, e ele tinha seu consentimento e assistência para acompanhar sua morte, como o mesmo Olímpio atestou em uma história desses eventos que ele publicou”.³⁰ Essa dicotomia plutarquiana observável na passagem onde Antônio, após ter se desferido um golpe de espada, mandou que o levassem até Cleópatra, que estava presa em seu Mausoléu. Ao chegar ao local Antônio foi suspenso, até uma espécie de janela, por Cleópatra e suas servas – Iras e Charmian:

Os que estavam presentes a esse espetáculo dizem que jamais se presenciou coisa mais piedosa, pois levantavam aquele homem, que banhado de sangue, nas vascas da morte, que estendia a mão para Cleópatra, (...), consegui-o faze-lo chegar até junto dela, (...), enxugou-lhe o sangue, que lhe banhava o rosto, chamando-o seu senhor, seu marido e seu imperador, esquecendo sua miséria e sua própria infelicidade (...).³¹ (Plutarco, *Vida de Antônio*, C).

Ao usar o relato do médico da rainha, para escrever sobre a história de seus últimos dias e de sua morte, Plutarco começa a mostrar mais simpatia para com Cleópatra, que, pela primeira vez em seu relato, passa a mostrar sentimentos. Um fato que se constitui, nas palavras de Homi Bhabha, como um:

(...) um deslocamento da verdade na própria identificação da cultura ou uma incerteza na estrutura da ‘cultura’ como identificação de uma certa verdade discursiva humana. Uma verdade do humano que é a morada da cultura; uma verdade que ‘diferencia’ culturas, que afirma sua significância humana, a autoridade de sua interpelação.³²

A visão plutarquiana sobre Cleópatra é uma questão que passa pelas disposições históricas da ausência da racionalidade e da moralidade. Um tradução distorcida baseado em cânones de moralidades sociais, que se instalou “naquele espaço discursivo praticamente vazio onde reside a questão da capacidade de cultura humana”.³³ Nesse ensejo, o uso do corpo, por parte de Cleópatra, como meio de conquista e de suas conquistas como modo de conquistar é, no pensamento plutarquiano, uma ofensa e um contra-senso à condição social ideal para o feminino.

²⁹ Plutarco, *Vida de Antônio*, XXIX.

³⁰ Plutarco, *Vida de Antônio*, LXXXII.

³¹ Plutarco, *Vida de Antônio*, LXXVII.

³² BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p. 192.

³³ Idem, p. 192-193.



Considerações Finais

Nos textos produzidos pelos autores do passado, como é o caso de Plutarco, observa-se o corpo como objeto de inquietações morais. Sobretudo o corpo feminino, ao mesmo tempo ignorado e vigiado. Uma preocupação do livre uso do mesmo, como foi feito por diversas mulheres que, como Cleópatra, encontram em seu corpo um meio de realizar alianças políticas, uma estratégia que é extremamente semelhante aos casamentos dinásticos ao longo da história.

Sendo assim, o ideal de feminino grego com suas *mulheres-mélissa* se constitui como um arquétipo feminino que chegou até nós. Mulheres que subverteram e romperam com os papéis socialmente construídos para os gêneros, como Cleópatra e suas antepassadas, são implacavelmente condenadas pelos documentos históricos, que carregam em suas linhas uma visão de uma sociedade marcada por uma moral falocêntrica.

Fontes

PLATÃO. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

PLUTARCH. *Lives VII: Demosthenes and Cicero; Alexander and Caesar*. Trad. Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London: Willian Heinemann & Harvard University Press, 1967.

_____. *Lives IX: Demetrius and Antony; Pyrrhus and Gaius Marius*. Trad. Bernadotte Perrin. Cambridge/Massachusetts/London: Willian Heinemann & Harvard University Press, 1968.

XENOFONTE. *Oikonomikós*. Biblioteca de Altos Estudos Academia das Ciências de Lisboa: 1942.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Marta Mega de. *A “Cidade das Mulheres”*: Cidadania e Alteridade Feminina na Atenas Clássica. Rio de Janeiro: Lhia, 2001.

BALTHAZAR, Gregory da Silva. *Cleópatra, Poder e Sedução: A Imagem Através do Tempo*. Porto Alegre: FFCH-PUCRS, 2009. (Monografia de Bacharelado)

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BLOMQUIST, Karin. From Olympias to Aretaphila: Women in Politics in Plutarch. In: MOSSMAN, Judith (Org). *Plutarch and his Intellectual World*. London: Duckworth, 1997. p. 73-97.

BREMMER, Jan. Plutarch and the Naming of Greek Women. *AJPh*, 1202, 4, 1981, pp. 425-426.



BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FEITOSA, Lourdes M. G. C. & SILVA, Glaydson J. O Mundo Antigo sob Lentes Contemporâneas. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu & SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs.). *Política e Identidades no Mundo Antigo*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009. pp. 209-250.

GUARINELLO, Noberto Luiz. Império e Identidade Grega. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu & SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Política e Indenidades no Mundo Antigo*. São Paulo: Fapesp/Annablume, 2009. pp. 147-162.

POMEROY, Sarah. *Ancient Greece*. New York: Oxford University Press, 1999.

_____. POMEROY, Sarah. *Women in Hellenistic Egypt: From Alexander to Cleopatra*. Detroit: Wayne State University Press, 1990.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Plutarco e a Participação Feminina em Esparta. *Saeculum* (UFPB), v. 12, p. 11-21, 2005.

_____. *Plutarco e Roma: O Mundo Grego no Império*. São Paulo: FFLCH/USP, 2007, (Tese de Doutorado).

THELM, Neyde. *O Público e o Privado na Grécia do VIII ao IV Século a.C.: Modelo Ateniense*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.